



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA
FACED/CEAD/UAB



SILMARA GARBELINI ROSSETI
THAÍS ARAÚJO DE FREITAS MOTA

MEMORIAL DESCRITIVO
A CONTRIBUIÇÃO DA MUSICALIZAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

UBERLÂNDIA/MG

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

SILMARA GARBELINI ROSSETI

THAÍS ARAÚJO DE FREITAS MOTA

MEMORIAL DESCRITIVO
A CONTRIBUIÇÃO DA MUSICALIZAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Relatório apresentado como requisito parcial de avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, modalidade a Distância da Universidade Federal de Uberlândia.

Polo: Patos de Minas I - MG

Profa. Gláucia Signorelli de Queiroz Gonçalves

UBERLÂNDIA/MG

2021

Dedico este trabalho a Deus, por ter me dado sabedoria, coragem e perseverança durante a minha formação acadêmica, e também à minha família por todo o apoio que recebi neste período tão importante da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, Profa. Gláucia Signorelli, pelo profissionalismo e dedicação, não mediu esforços para orientar-me durante a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, bem como a todos os profissionais e professores da UFU que me auxiliaram quando precisei, em especial, à Profa. Maria Irene e à Profa. Fernanda Duarte, pois sempre se mostraram muito solícitas, atenciosas e pacientes para nos orientar e ajudar durante esta trajetória em nossos encontros online.

Agradeço também a minha amiga, Silmara Rossetti, pelo apoio e compreensão, tenho a convicção de que nossas conversas e trocas de experiências foram essenciais para me manter motivada e incentivada para conclusão do curso. Dividimos nossos medos, anseios, alegrias e tristezas, sempre somando nossas forças e união para assim alcançarmos este objetivo final.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo inicial apresentar, por meio do memorial descritivo, os fatos mais marcantes da minha trajetória de vida pessoal, escolar, profissional e acadêmica. Ao refletir sobre nós mesmos, refletimos sobre nossas ações, crenças e valores. Assim, a escrita deste memorial possibilitou-me ressignificar saberes e acontecimentos. Em um segundo momento, apresento um aprofundamento de estudo sobre o tema: “A contribuição da musicalização no desenvolvimento da criança na educação infantil”, pensando sobre a seguinte questão: Como tem sido desenvolvida a musicalização na pré-escola? Desse modo, foi possível identificar na literatura a importância da música para o desenvolvimento e aprendizagem na Educação Infantil, bem como conhecer um pouco como tem sido a prática pedagógica de alguns professores, despertando no âmbito da educação da pré-escola o trabalho musical dentro da sua amplitude e riqueza de possibilidades. A música é uma linguagem que se faz presente nas culturas dos sujeitos na sociedade, desse modo, ela pode se tornar um importante instrumento pedagógico na escola, visto que proporciona uma prática pedagógica lúdica e interativa, desenvolvendo o gosto musical, a socialização, a interação, a criatividade, a coordenação motora das crianças na Educação Infantil, possibilitando, assim, o desenvolvimento e a aprendizagem.

Palavra chave: Memorial Descritivo. Musicalização. Criança. Desenvolvimento. Aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO	6
2. DESENVOLVIMENTO	9
2.1. HISTÓRIA DE VIDA: DESCOBRINDO MINHA VOCAÇÃO.....	9
2.1.1. <i>Trajetórias de lutas e vitórias.....</i>	9
2.1.2. <i>Experiências profissionais em curso superior e em concursos públicos</i>	11
2.1.3. <i>Minhas experiências acadêmicas em Pedagogia</i>	12
2.2. APROFUNDAMENTO DO TEMA: A CONTRIBUIÇÃO DA MUSICALIZAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	16
2.2.1. <i>Concepção de Infância e a Educação Infantil.....</i>	16
2.2.2. <i>A Música como um instrumento mediador da aprendizagem e do desenvolvimento da criança na educação infantil</i>	19
2.2.3. <i>A prática pedagógica docente e a música na Educação Infantil</i>	22
2.2.4. <i>Resultados e discussões</i>	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

1. INTRODUÇÃO

Este memorial reflexivo, que acompanha o estudo intitulado “A contribuição da musicalização no desenvolvimento da criança na educação infantil”, é requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia no Curso de Graduação em Pedagogia, modalidade à distância, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, e tem como objetivo apresentar os acontecimentos mais marcantes e relevantes ocorridos durante a minha trajetória de vida pessoal, estudantil, profissional e acadêmica, bem como aprofundar sobre o tema “musicalização na educação infantil”, trazendo algumas dimensões teóricas e práticas.

De acordo com Antônio Joaquim Severino:

O Memorial constitui, pois, uma autobiografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido. Deve dar conta também de uma avaliação de cada etapa, expressando o que cada momento significou, as contribuições ou perdas que representou (SEVERINO, 1990 apud SARTORI, 2008, p. 23).

Desse modo, os fatos narrados neste memorial vão além de uma simples lembrança das experiências vividas na minha trajetória de vida pessoal e profissional, contribuem, principalmente, para a reflexão sobre minhas crenças e valores que certamente influenciarão minha prática docente. E a partir disso, ressignificar saberes, fatos e acontecimentos, trazendo novos valores que serão essenciais para minha atuação pedagógica.

Neste sentido, refletir sobre si mesmo é refletir sobre uma ação, uma proposta desafiadora na busca de mudanças e reflexões da prática docente. A prática pedagógica deve ser efetivada com base na experiência profissional, nas intervenções, nas mediações, nos objetivos propostos, nas finalidades e nas crenças e valores vivenciados por eles em momentos e turmas diferenciadas (SOUZA, 2005, p.15).

Na infância e na adolescência acontecem diferentes apropriações de valores e conhecimentos. Esses saberes, de acordo com Silva (2000, p.30), “vão se transformando em estruturas de pensar e agir. São saberes que se transformam em crenças, ou seja, adquirem uma base de confiança, e acabam por influenciar ou determinar as decisões e ações dos homens”.

Segundo Nóvoa,

Ao longo dos últimos anos, temos dito (e repetido) que professor é a pessoa, e que a pessoa é o professor. Que é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. Que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. Que importa por isso, que os professores se preparem para um trabalho sobre si próprios, para um trabalho de auto-reflexão e de auto-análise (NÓVOA,2002, p. 38).

No que tange ao tema “musicalização na educação infantil”, que será aqui abordado, refletiremos sobre a seguinte problemática: Como tem sido desenvolvida a musicalização na pré-escola? Assim, o tema tem como o objetivo geral identificar na literatura a importância e contribuição da música no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças na Educação Infantil no período pré-escolar, conhecer como tem sido as práticas pedagógicas de alguns professores, bem como despertar no âmbito da educação da pré-escola o trabalho musical dentro da sua amplitude e riqueza de possibilidades.

Segundo Brécia (2003, p.25), “a música é uma linguagem universal, estando presente em todos os povos, independentemente do tempo e do espaço em que se localizam”. Assim, a música se constitui em um elemento que está sempre presente na cultura dos indivíduos.

Para realização deste memorial, adotou-se como metodologia de pesquisa a abordagem qualitativa, utilizando a pesquisa (auto)biográfica para a realização do memorial e a pesquisa bibliográfica para o estudo e aprofundamento no tema “musicalização na educação infantil”. Desse modo, a partir da análise de livros e artigos de diferentes autores, como Ariès (1981), Brito (2005) e Torres (1998), foi possível analisar com profundidade sobre a temática, buscando compreender como a musicalização pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil.

Assim, este trabalho foi organizado em quatro seções: a primeira, refere-se a esta introdução em que apresento a importância e delimitação do tema, objetivos da pesquisa e metodologia utilizada; a segunda, é a escrita do memorial autobiográfico, momento em que descrevo, de modo reflexivo, a minha trajetória de vida pessoal e profissional; a terceira, é o aprofundamento do tema escolhido com apontamento dos conceitos e das dimensões teóricas e práticas; e por último, a quarta são as considerações finais, mostrando as contribuições deste curso para a minha formação acadêmica e profissional, apresentando problemas e soluções para o processo de ensino e aprendizagem.

Pretende-se que este trabalho traga contribuições importantes no contexto da formação profissional, bem como da música na Educação Infantil servindo como um instrumento para a reflexão da atuação pedagógica no que tange à musicalização.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. História de vida: descobrindo minha vocação

2.1.1. Trajetórias de lutas e vitórias

Meu nome é Thais Araújo de Freitas Mota, tenho 34 anos. Nasci na cidade de Ribeirão Preto, interior do Estado de São Paulo, em 10 de maio de 1987. Apesar de ter nascido nesta cidade, quando tinha 6 meses nos mudamos para a cidade de Americana-SP, em busca de emprego para meus pais, moramos lá até os meus 7 anos e depois voltamos para Ribeirão Preto.

Venho de uma família humilde, meus pais João Afonso (in memorian) e Suely sempre se dedicaram oferecendo uma boa educação alicerçada na ética e na moral para mim e meus irmãos, Alexandre e João Lucas. Diante das dificuldades financeiras, estudei sempre em escolas públicas, porém minha mãe compreendendo a escola como um lugar de construção de conhecimento e aprendizagem sempre procurava uma escola pública que oferecesse um bom ensino.

Na minha infância, minhas brincadeiras preferidas eram brincar de bonecas e de esconde e esconde. Lembro-me de quando ganhei uma boneca grande da minha avó, foi um momento de grande alegria, fiquei encantada e admirada com os cabelos da minha boneca, ficava brincando de penteá-los.

Frequentei a creche desde os 04 meses de vida até os 3 anos. Depois, fui para a pré-escola, que ficava ao lado da escola em que minha mãe trabalhava, lá aprendíamos muitas cantigas e brincadeiras, assim fui me desenvolvendo.

Em seguida e com receio de ir para outra escola no Ensino Fundamental, fiquei um pouco com medo de como seria essa nova fase. Estudei em uma escola perto da minha casa, na qual minha mãe trabalhava como inspetora no período vespertino.

Uma lembrança boa que tenho da minha infância foi quando eu ganhei uma mochila rosa grande para ir à escola, eu amava essa cor.

Outra lembrança que tenho é de uma música que cantávamos no intervalo que tinha o seguinte refrão: “Jogue o lixo no lixo, não jogue nada no chão, vamos deixar esta escola brilhando com esta canção...”.

Quanto à primeira professora do Ensino Fundamental, não me recordo o nome dela, porém lembro que era morena e tinha os cabelos ondulados. No meu período de alfabetização, a escola adotava cartilha e a professora utilizava-se do método silábico, que vai das partes para

o todo, ou seja, ensinava primeiro as letras, depois as sílabas e por último as palavras. A cartilha era “Caminho Suave” da autora Branca Alves de Lima, nela não havia tanta preocupação com sentido do texto, mas sim com a sílaba a ser ensinada; por exemplo, apresentava frases do tipo: Ivo viu a uva, frase que para algumas crianças que também aprendiam por meio desta cartilha, se não conhecesse “uva”, seria totalmente sem sentido. Aprendi também muitas cantigas de roda, versos, quadrinhas e parlendas, que contribuíram muito para a construção da consciência fonológica e a alfabetização de forma lúdica e divertida.

Desse modo, frequentei toda a Educação Infantil e o primeiro ano do Ensino Fundamental na cidade de Americana, o restante dos estudos cursei em Ribeirão Preto. Nos anos finais do Ensino Fundamental, eu tinha dificuldade em Matemática e meu pai me auxiliava na realização das tarefas de casa quando era possível. Mas, infelizmente, ele faleceu de forma inesperada quando eu tinha 14 anos de idade. Após sua morte, passamos por momentos de muita dor e sofrimento, visto que não esperávamos que partiria tão cedo, aos 42 anos de idade. Porém, com o passar do tempo fomos conduzindo a vida da melhor maneira possível.

A minha adolescência foi tranquila, gostava muito de ficar conversando com minhas colegas e ficava entediada com as professoras que não sabiam cativar os alunos, não traziam inovações para a sala de aula, assim, as aulas eram chatas. Desse modo, coaduno com Aragão (1995), infelizmente, ainda há muitos professores que insistem com o ensino tradicional. Nesta concepção entende-se que, para ensinar, basta saber um pouco do conteúdo específico e utilizar algumas técnicas pedagógicas, já que a função do ensino é transmitir conhecimentos que deverão ser assimilados pelos alunos.

No Ensino Médio, tive uma professora de Artes que nos ensinou a fazer cestas de jornal. No início da aula, ela ampliou nossos conhecimentos sobre as diferentes manifestações artísticas, bem como o conceito e diferentes tipos de artesanatos, depois passamos para a atividade prática, que foi muito prazerosa, todos participaram e houve bastante integração entre os alunos. Outra atividade que não me esqueço, foi da professora, Bia, de Biologia, um dia pediu para levarmos para a sala de aula alguns animais marinhos, como estrelas do mar, ouriço, cavalo marinho e etc. Lembro-me que foi muito difícil achar esses animais para comprar, apesar disso, foi uma aula inesquecível, pois vimos aqueles animais de pertinho, aprendemos sobre suas características e importância para o oceano. Assim, de forma significativa foi possível conhecer um pouco mais sobre a vida no fundo do mar.

Analisando a minha história de vida escolar, pude perceber que, no ensino médio, eu tinha mais interesse em aprender, visto que alguns professores traziam ideias diferentes para a sala de aula. Foi uma época em que algumas aprendizagens se tornaram marcantes em minha memória, pois foram verdadeiramente significativas e interessantes para mim.

2.1.2. Experiências profissionais em curso superior e em concursos públicos

Quando eu estava no fim do 3º ano do Ensino Médio, em 2004, recebi um folheto de propaganda de um curso sequencial de Gestão Contábil do Centro Universitário Moura Lacerda, com duração de 2 anos. Na época, eu estagiava numa empresa de transportes e para que eu pudesse permanecer como estagiária, eu teria que dar continuidade aos estudos. Desse modo, resolvi fazer esse curso, porém sem conhecer as possibilidades de atuação e o que o curso poderia me proporcionar.

Em 2006, concluí o curso, porém descobri que este curso não me dava o direito de ter a carteira do Conselho Regional de Contabilidade (CRC), ou seja, o documento mais importante para a atuação do profissional de contabilidade. Na época, cheguei a enviar currículos para diferentes empresas de contabilidade em Ribeirão Preto, com a finalidade de estagiar, porém, não obtive respostas de nenhuma empresa.

Diante disso, senti-me muito frustrada e fui trabalhar em outra empresa que não era da minha área de formação, porém, em 2007, fui convocada no concurso público, que havia prestado em 2006, para assumir a função de Oficial Administrativo no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (HCFMRP-USP).

Atualmente, continuo trabalhando no HCFMRP-USP, na área administrativa, porém, tenho muita vontade de exercer minha profissão como pedagoga. Hoje, desempenho a função de assessora/secretária junto ao Departamento de Atenção à Saúde e minhas principais atribuições são: agendamento de reuniões; atendimento ao público interno e externo; digitação de atas; e recebimento e expedição de diferentes documentos.

No final de 2018, prestei concurso para Professor de Educação Básica II da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto e passei em 180º lugar, foi um momento de muita emoção e alegria, pois não imaginei que passaria neste concurso, considerando que estava no meu primeiro ano do curso de Pedagogia da UFU, apesar de já ter cursado o primeiro ano deste curso em outra Instituição. O concurso foi homologado em abril de 2019 e estará em vigor até

abril de 2023, tenho chances de ser chamada, considerando que já chamaram 118 pessoas. Se eu for chamada neste concurso, realizarei um grande sonho, pois poderei exercer e me dedicar na minha função.

2.1.3. Minhas experiências acadêmicas em Pedagogia

No final de 2016, algo me despertou para realizar uma graduação, já que não tive sucesso na atuação profissional em Contabilidade. A princípio pensei em cursar Administração, porém, me motivei a cursar Pedagogia quando conversei com minha amiga Gabriela que estava cursando o primeiro ano deste curso. Sempre gostei de ensinar, quando era pequena, amava brincar de ser professora e minhas bonecas e ursinhos eram meus alunos, dava um papel e um lápis para cada um e assim brincava por várias horas.

Hoje, vejo que ser professora é minha vocação desde a infância. No entanto, quando estava estudando no Ensino Fundamental (Anos Finais) fui me sentindo desestimulada ao ver como os professores eram tratados pelos alunos e a desvalorização como categoria profissional.

Enfim, em 2017, comecei a cursar Pedagogia na Faculdade Anhanguera em Ribeirão Preto e logo no primeiro ano vi que estava no curso certo. No final daquele ano, minha amiga Hellen disse que iria prestar o processo seletivo do Curso de Pedagogia à distância da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e me convidou para, também, fazer a inscrição e com o apoio da minha mãe, realizei a inscrição. Assim, prestamos o processo seletivo e passamos, fiquei muito feliz, foi uma grande surpresa para mim, pois nunca imaginei que estudaria numa Universidade Federal.

Antes de começar o curso fiquei muito preocupada se realmente daria conta de concluí-lo. Ao verificar a grade curricular, vi a carga horária das atividades práticas da disciplina de PIPE e aumentou ainda mais a minha insegurança e ansiedade. O meu receio era não conseguir realizar tais atividades, considerando que não tinha muito tempo, pois minha carga horária diária de trabalho é de 8 horas. No entanto, conforme fui realizando as atividades vi que não era um “bicho de sete cabeças” e que dava para conciliar as tarefas do meu trabalho com o curso.

Desde o início do curso obtive muitos avanços e crescimentos tanto profissional quanto pessoal, busquei fazer todas as atividades, mesmo aquelas que não valiam nota, pois sabia da importância que tinha todo o conhecimento oferecido pela UFU. Melhorei muito a

minha escrita e leitura, visto que no curso realizamos diversas atividades que nos exigem conhecimentos e habilidades nessas questões. Cresci também como pessoa e passei a acreditar mais em minhas capacidades, aumentando minha autoconfiança e segurança. Surpreendi-me com os colegas do curso, no nosso grupo do whatsapp, pois sempre foram muito prestativos, procurando ajudar uns aos outros. Não poderia deixar de relatar também que sempre fui muito bem atendida pelos profissionais da UFU, sendo muito solícitos em orientar e ajudar nos momentos em que precisei.

No decorrer do curso, enfrentei muitos desafios, sendo que o principal foi conseguir conciliar trabalho, casa, filho, marido e a faculdade, porém nunca pensei em desistir. Hoje vejo que todo o esforço e o sacrifício valeu a pena. Dois aspectos da minha formação que gostaria de destacar são sobre a importância da formação continuada do pedagogo e da concepção de educação. Considero que é de extrema importância que o professor sempre esteja em constante aprendizado. Acredito que o ensino se torna bem mais interessante, quando o aluno é um ser ativo e participativo e que seus conhecimentos prévios sejam levados em conta. Desse modo, o aluno deixa de ser apenas um depósito de conteúdo e passa a ter mais autonomia e liberdade para que juntos, professor e aluno, construam o conhecimento numa relação dialética.

Foram muitos temas importantes aprendidos durante o curso, mas os que mais me chamaram a atenção foram: Educação Especial, Psicologia da Educação e Educação Infantil.
[P1]

Especificamente, ao realizar a disciplina de educação especial percebi que algo diferente mexeu comigo. Tanto nas leituras dos textos quanto nos vídeos, fiquei muito emocionada ao assistir e conhecer um pouco sobre a vida escolar dos alunos com deficiência.

Percebo que há muitos desafios e caminhos a trilhar para que aconteça de fato uma educação inclusiva no Brasil. É preciso romper com os preconceitos, ressignificar o sentido da escola, e principalmente, que os governantes invistam na educação inclusiva, oferecendo todo o suporte necessário às escolas, tanto com materiais pedagógicos adequados quanto com profissionais capacitados e suficientes para atender à demanda.

Nesse sentido, Montoan (2007, p.45) afirma que:

A inclusão é um desafio que, ao ser devidamente enfrentado pela escola comum, provoca a melhoria da qualidade da educação básica e superior, pois para que os alunos com e sem deficiência possam exercer o direito à educação em sua plenitude, é indispensável que essa escola aprimore suas práticas, a fim de atender às diferenças.

Realizar a disciplina de Psicologia da Educação foi muito significativo para mim, sempre fui apaixonada pela psicologia e admiro muito quem trabalha nesta área. Foi muito importante para a minha formação conhecer um pouco de como se dá os processos da aprendizagem, compreendendo que emoção e aprendizagem são partes indissociáveis.

Já a disciplina de Educação Infantil considero que me deu uma base fundamental para a minha atuação profissional, aprendemos sobre os processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança e como fazer uma prática pedagógica lúdica e significativa para essa fase tão valorosa da vida do indivíduo. Nessa vertente, percebi que a música pode ser uma grande aliada no processo de desenvolvimento e da aprendizagem da criança, considerando que oferece diferentes contribuições para uma aprendizagem plena, eficaz e prazerosa. Penso nos diferentes caminhos que posso percorrer para que o objetivo principal seja alcançado, que é a aprendizagem do educando.

Considero que o curso de Pedagogia me propiciou momentos únicos na minha aprendizagem. Foi um grande desafio que exigiu muito esforço e dedicação e, para isso, precisei privar-me de muitas coisas que gostava de fazer. Tive, também, muita compreensão e ajuda do meu esposo, Marcelo, que sempre colaborou em todo esse período da minha formação.

Hoje, sonho com minha atuação profissional, pretendo atuar na pré-escola ou nos anos iniciais do Ensino Fundamental e me dedicarei ao máximo para dar o meu melhor. É uma profissão muito gratificante, apesar dos enormes desafios que os professores enfrentam em sua atuação profissional. Poder contribuir para a formação humana é uma das razões que me leva a acreditar e persistir na área da Pedagogia. É uma profissão que exige muito amor e criatividade, pois isso procuro sempre refletir sobre a prática pedagógica pensando nessas duas vertentes. No entanto, infelizmente, é uma categoria profissional que tem sido há muito tempo desvalorizada, carecemos de políticas públicas que valorizem mais os professores e que deem os suportes necessários para a sua atuação pedagógica.

Este memorial permitiu-me refletir sobre as práticas ocorridas no período da minha escolarização relacionando-as com os conceitos aprendidos neste curso. Percebi que houve algumas rupturas, pois antes o professor era o detentor do saber, hoje ele é visto mais como um mediador da aprendizagem, sendo a ponte entre o aluno e o conhecimento. Por outro lado, infelizmente, algumas práticas ainda permanecem em algumas escolas, como o uso de métodos tradicionais de ensino, nas quais, muitas vezes, os alunos memorizam o conteúdo sem sequer compreendê-lo.

Como professora pretendo adotar uma postura de mediadora entre aluno e conhecimento, levando em conta seus conhecimentos prévios e culturas. Pretendo ser uma professora que não apenas saiba transmitir os saberes, mas que saiba também cativar seus alunos, criando uma relação afetiva e dialógica entre professor e aluno, propondo atividades pedagógicas fazendo com que os alunos aprendam de maneira significativa. Pois, educação não é apenas transmissão de conhecimentos. Segundo a teoria de Ausubel (1976), quando a aprendizagem significativa não se efetiva, o aluno aprende da forma mecânica, ou seja, 'decora' o conteúdo, que não sendo significativo para ele, é armazenado de modo isolado, podendo até esquecê-lo em seguida.

2.2. Aprofundamento do tema: a contribuição da musicalização no desenvolvimento da criança na educação infantil

2.2.1. Concepção de Infância e a Educação Infantil

Antes de nos aprofundarmos sobre a temática proposta, é imperioso discorrer sobre como a concepção de infância foi se modificando ao longo da história e o conceito de infância que temos hoje, o qual influencia diretamente sobre a forma como a Educação Infantil é reconhecida atualmente, bem como na criação de leis e decretos que a regulamentam, e também nas metodologias e práticas pedagógicas existentes nas escolas.

A história nos mostra que a infância, até o século XII, durante o período medieval, era ignorada e ocultada na vida do indivíduo. Áries (1981, p. 156) ressalta que “na sociedade medieval a criança a partir do momento em que passava a agir sem solicitude de sua mãe, ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes”. Ou seja, as crianças eram consideradas como adultos em miniatura, não se dava atenção às singularidades do mundo infantil, sendo vestidas e expostas aos mesmos costumes dos adultos. Elas não tinham um tratamento diferenciado e não havia, neste período, o que conhecemos como sentimento de infância.

Segundo Veyne (1989), na Roma antiga, durante este período, a contracepção, o aborto, o abandono e a morte de crianças eram atitudes corriqueiras e consideradas legítimas, sendo que as crianças abandonadas raramente sobreviviam, pois, o nascimento de uma criança “não era apenas um fato biológico”, mas também um fato de aceitação paterna. Se o pai não o aceitasse, a criança era abandonada ou assassinada. O abandono dos filhos tinha como causa principal a miséria de uns e a política patrimonial de outros. Contudo, mesmo os mais ricos podiam rejeitar um filho indesejado cujo nascimento pudesse atrapalhar as disposições testamentárias já estabelecidas.

Assim, foi apenas a partir do fim do século XVII, após anos de uma infância negligenciada, que surgiu a ideia da instituição escolar, o qual passou a ser a responsável pela educação dessas crianças. Diferentemente de outrora, onde a própria família era responsável pela educação de seus filhos. Segundo, Ariès (1981), a criança deixou de ser misturada aos adultos para passar por um processo de enclausuramento, diretamente relacionado a escolarização.

Nesse sentido, a partir do século XVIII, a infância começa a ser considerada uma fase distinta do desenvolvimento humano, com suas próprias particularidades. Essa transformação

ocorreu devido à propagação de novos pensamentos e condutas da Igreja Católica. Segundo Ariès (1981), é neste cenário que emerge o sentimento de infância. Assim, a criança passa a ser o centro da família para ser amada e educada. Essa transformação implicou em se planejar os nascimentos, pois os pais passaram a se sentir responsáveis pelo futuro da criança. Gélis (1991) aponta que, nesse momento, a infância é identificada com características próprias, a criança é considerada como indivíduo que vive em um mundo infantil próprio. Nos dias atuais, vemos os reflexos de todas essas transformações que aconteceram no decorrer da história da infância, pois essa fase da vida foi sendo cada vez mais estudada.

De acordo com Vigotsky (1991), atualmente, a criança é considerada como um ser histórico-cultural e social, pois sua aprendizagem se dá através de interações com o meio social. O autor afirma que a criança é um ser competente, que tem suas próprias necessidades e seu modo de pensar e agir. Segundo Vigotsky (1998), a criança é um ser social e faz parte de um contexto macrossocial. A partir dessa afirmação, Vigotsky (1998) enfatiza que as pessoas são constituídas pela relação das esferas biológica e sócio-cultural. A esfera biológica, ou funções elementares, contempla características biologicamente definidas para todas as pessoas, enquanto as da esfera sócio-cultural, ou funções superiores, está diretamente ligada aos aspectos do comportamento humano, apreendidos a partir da relação e mediação estabelecidas pelas pessoas, por meio da linguagem.

Essa concepção de infância aqui considerada foi sendo constituída historicamente pelas condições socioculturais. Partindo desse princípio, ponderamos que as características da infância mudam com o tempo e com os diferentes contextos sociais, econômicos, geográficos, modificando, até mesmo, as peculiaridades individuais da criança na sua relação com a sociedade.

Portanto, observa-se que diferentes fatores interferem neste processo, sejam eles sociais, econômicos, culturais e até mesmo políticos.

Diferente de Vigotsky (1991), Piaget (1971) enfatizou que o desenvolvimento da criança ocorre de acordo com sua maturação biológica, ou seja, que os fatores internos preponderam sobre os externos, postulando que o desenvolvimento segue uma sequência fixa e universal de estágios. De acordo com Moreira (1999), Piaget acredita que os conhecimentos são elaborados espontaneamente pela criança, conforme o estágio de desenvolvimento em que esta se encontra. Além disso, o autor destaca que Piaget acreditava que a aprendizagem subordina-se ao desenvolvimento natural da criança, minimizando, assim, o papel da interação social. Enquanto Vigotsky, ao contrário, postula que desenvolvimento e aprendizagem são processos que se influenciam reciprocamente, de modo que, quanto mais aprendizagem, mais

desenvolvimento. No entanto, apesar das diferentes concepções de Piaget e Vigotsky sobre o desenvolvimento humano, ambos tiveram grande influência na compreensão dessa fase, a infância.

A educação escolar, processo intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento infantil, por lei, é um direito garantido a todos, sem qualquer forma de exclusão. O Art. 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/1996), estabelece que a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica e tem como objetivo promover o desenvolvimento integral das crianças até 5 anos de idade, considerando seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. Essa etapa, até a promulgação da referida lei, era negligenciada no Brasil, pois, conforme Rosemberg *et. al.* (2001) antes disso, o oferecimento da Educação Infantil acontecia em creches, para crianças de zero a três anos (mantidas pelas secretarias de assistência social), e pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos (mantidas pelas secretarias de educação). Nas creches, os atendimentos visavam apenas o cuidado com a alimentação, higiene e outras necessidades básicas. Os profissionais que atuavam nesses contextos não dispunham de uma formação específica e recebiam diferentes denominações: pajem, babá, auxiliar de creche. Nas pré-escolas, os atendimentos tinham enfoque educativo e a formação dos profissionais era de nível médio.

Ao ser definida como parte integrante da Educação Básica, a Educação Infantil assume uma nova configuração, articulando o cuidar e o educar, considerados aspectos indissociáveis no cotidiano da criança. Tal mudança implicou também na redefinição da natureza pedagógica das instituições infantis (creches e pré-escolas).

Neste sentido, Kuhlmann Jr (2007) afirma:

A caracterização da instituição de educação infantil como lugar de cuidados e educação, adquire sentido quando segue a perspectiva de tomar a criança como ponto de partida para a formulação das propostas pedagógicas. [...] Educá-la é algo integrado ao cuidá-la. (KUHLMANN JR, 2007, p. 60).

Segundo a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, publicada em 22 de dezembro de 2017, a pré-escola tem o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades, com diversidade e consolidação de novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação da família. Enfatiza também, a importância da escola conhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a diversidade cultural das famílias, bem como da comunidade escolar.

Assim, este estudo, ao considerar a formação das crianças na Educação Infantil, parte do princípio de que há um conjunto de conhecimentos que permeiam o desenvolvimento humano que são essenciais nesta etapa de escolarização, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, a pintura, modelagem, atividades corporais, etc. Neste sentido, neste estudo, optamos por discutir a importância da música no processo de escolarização e de aprendizagem das crianças pequenas.

Nessa perspectiva, será apresentada a seguir, a importância da música como um instrumento no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança na pré-escola, mostrando o que diz a legislação educacional brasileira e também alguns autores, como Ariès (1981), Brito (2003, 2005), Torres (1998), entre outros, sobre essa temática.

2.2.2. A Música como um instrumento mediador da aprendizagem e do desenvolvimento da criança na educação infantil

A música no Brasil surgiu por influência da música na Europa e na África, trazida pelos colonizadores portugueses e pelos escravos. Os nativos indígenas também possuíam suas próprias práticas musicais quando foram colonizados pelos portugueses, o que ajudou a estabelecer uma enorme variedade de estilos musicais que se consolidaram no decorrer da história. No Brasil, de acordo com Godoi (2011), as primeiras manifestações musicais que receberam registros históricos, foram as dos padres jesuítas, que usavam a música em seus cultos religiosos para atrair mais fiéis para sua igreja, mas com o discurso de promover a educação e as manifestações artísticas por meio da música. Nesse sentido, França (1953, p.7) diz:

O coral Gregoriano, mágico instrumento de conversão de que se utilizou o jesuíta José de Anchieta, aquela magnífica figura de evangelizador. E com ele os jesuítas Aspicuelta Navarro e Manuel de Nóbrega. Este dizia que: com a música e a harmonia, atrevo-me a atrair para mim todos os indígenas da América.

A maior influência dos europeus foi para a criação das músicas erudita e popular, enquanto que a maior contribuição dos africanos foi em relação a diversidade rítmica e algumas danças e instrumentos, como, por exemplo, o maracatu. Já a influência indígena, está mais presente nas regiões norte e nordeste do país, como, por exemplo, o carimbó e o lundu marajoara. Com o decorrer dos séculos e com a vinda de novos imigrantes europeus, surgiram vários novos ritmos, conforme essas novas influências, como da França e da Itália.

Mas foi apenas no fim do século XVIII, segundo Godoi (2011), que a música brasileira começou a apresentar suas próprias características, se consolidando, na virada do século XIX para o século XX, por meio dos ritmos lundu, frevo, chorinho e samba. Assim, a música nacional ganha autonomia e identidade própria, ganhando notoriedade pelo mundo através de gêneros que se tornaram marca registrada do Brasil, como o samba e a bossa nova.

Dessa forma, podemos ver como a música é introduzida no Brasil pelos imigrantes europeus, povos africanos, padres jesuítas e, pelos ritmos que já se faziam presentes antes da colonização dos povos indígenas, se expandiu e se consolidou ao longo dos séculos e, hoje, no campo das artes, a música tem um papel preponderante na cultura brasileira.

Assim, com a forte presença da música entre o povo brasileiro, em todas as suas classes sociais, desde o surgimento do país, destaca-se, neste estudo, a música na educação e o papel que representa na formação dos alunos e alunas.

No início do século XX, por volta dos anos 1930, com a chegada do Movimento dos Pioneiros da Educação, o ensino de música teve um destaque importante nas escolas brasileiras. Este movimento se propunha a trazer inovações educacionais baseadas nos princípios da Escola Nova, contrapondo-se ao ensino tradicional da época. Neste sentido, Pereira (2010) afirma que:

As reformas educacionais inspiradas nos princípios da Escola Nova, que incluíam as inovações propostas para a educação musical pelo pedagogo suíço J. Dalcroze, ganharam especial impulso no Brasil nos anos vinte e despertaram debates que transgrediram o âmbito do Congresso Nacional para tornarem-se um debate de foro nacional. (PEREIRA, 2010, p. 16)

Segundo Godoi (2011), a ideia de se utilizar a educação musical na formação cultural dos alunos, seu meio e a interação com as outras disciplinas escolares, aparece em nossa história somente na metade do século XX, junto à evolução da educação infantil como instituição educativa.

Em 1996, a LDB Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996, estabeleceu, em seu artigo 26 § 2º, que os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum a ser complementada pelo ensino de Arte (incluindo a música, de modo interpretativo), de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Em 2016, por meio da Lei nº 13.278, de 02 de Maio de 2016, que altera o § 6º do Artigo 26 da LDB, que estabelece que “[...] § 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo” (componente curricular obrigatório no

currículo da Educação Básica). Em 1998, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI, torna-se a principal orientação para a prática pedagógica na Educação Infantil, tendo a Música como um dos eixos de trabalho nessa etapa de escolarização. O documento ressaltou que o ensino de música deve estar centrado em visões novas como a experimentação, a interpretação, improvisação e a composição, abrangendo, também, a percepção tanto do silêncio quanto dos sons. Além disso, o RCNEI trouxe orientações, objetivos e conteúdos a serem trabalhados pelos professores, os quais foram divididos em dois blocos: o “fazer musical”- compreendido como improvisação, composição e interpretação e a “apreciação musical.” (BRASIL, 1998).

O documento destacava que:

[...] a música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. (BRASIL, 1998, p.44).

Partindo do princípio da vivência e da ludicidade proposto no RCNEI, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - DCNEI (BRASIL, 2010) estabelece no item 11, que trata das práticas pedagógicas na Educação Infantil, que o currículo escolar deve garantir experiências que:

Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical; [...] Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura; (BRASIL, 2010, p. 27 e 28)

Como se observa, as Diretrizes Curriculares destacam a importância das múltiplas formas de linguagem que a criança deve desenvolver para melhor aprendizagem, inclusive a música.

Em 2017, foi publicada a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil – BNCC, a qual estabelece os direitos de aprendizagem e o desenvolvimento da criança nos diferentes campos de experiências, tendo como princípio básico as interações e as brincadeiras, eixos estruturantes da Educação Infantil. Entre os direitos de aprendizagem, o documento

assegura às crianças o direito de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se (BRASIL, 2017). Pois é fundamental compreendermos a importância do brincar nessa fase de desenvolvimento da criança, bem como a importância do lúdico, permitindo que brinquem e, conseqüentemente, aprendam brincando, com prazer, criatividade, alegria e diversão.

Nesse sentido, sendo o currículo da Educação Infantil, organizado a partir dos “Campos de Experiência” estabelecidos pela BNCC, tem-se no campo de experiência “Corpo, Gestos e Movimentos” a afirmação de que as crianças: “Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem”. (BRASIL, 2017, p. 41)

Já no campo de experiência “Traços, sons, cores e formas”, o documento estabelece que:

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras (BRASIL, 2017, p. 43).

Portanto, vislumbramos que tanto a LDB, quanto o RCNEI, as DCNEI e a BNCC apontam para a importância da linguagem musical como conteúdo elementar para o desenvolvimento de habilidades essenciais para a primeira infância e, conseqüentemente, para a formação do indivíduo enquanto ser social e cultural.

2.2.3. A prática pedagógica docente e a música na Educação Infantil

Sabemos que o envolvimento das crianças com a música começa antes mesmo de seu nascimento. Ainda no ventre, o bebê, primeiramente, começa a se familiarizar com os sons emitidos pelo corpo da mãe, como o som do útero, dos batimentos cardíacos, da respiração, entre outros. Posteriormente, já começa a ouvir os sons externos, como vozes e músicas tocadas próxima a barriga da mãe e consegue até mesmo distinguir os tons de vozes entre grave e agudo.

Nesse sentido, Brito (2003) afirma que os bebês e as crianças pequenas estão em permanente contato com o ambiente sonoro que os cercam, e que é possível dizer que o processo de musicalização se inicia quase que espontaneamente, de forma natural e intuitiva,

por meio do contato com os sons, por meio de brinquedos sonoros como chocalhos, móveis musicais e outros, além das canções de ninar, e músicas diversas. Todo esse processo é de fundamental importância para os bebês e as crianças, pois faz com que aprendam a se comunicar por meio de sons e gestos, além de possibilitar o seu desenvolvimento afetivo e cognitivo.

As crianças, entre quatro a seis anos, se em contato com a música, recebem estímulos que pode potencializar a sua aprendizagem musical. Desse modo, a prática musical, seja por meio do ouvir uma canção ou tocar um instrumento, faz com que a aprendizagem cognitiva da criança se potencialize, principalmente, na área do raciocínio lógico e abstrato, da memória e do espaço, bem como no desenvolvimento afetivo.

A música é um importante recurso tanto para o processo de alfabetização quanto para o desenvolvimento de uma inteligência musical, assim, a utilização da música na sala de aula está prevista nos Parâmetros Curriculares Nacionais “Sua inclusão como conteúdo neste documento tem a finalidade de garantir a presença, no ensino fundamental, dando ao aluno maiores oportunidades para o desenvolvimento de uma inteligência musical” (BRASIL, 1997, p. 53 apud DUTRA E SILVA, 2018).

A música na Educação Infantil vai além do seu sentido musical, ela abrange um campo maior envolvendo a parte cognitiva e motora da criança, proporcionando um desenvolvimento integral. Neste sentido, Brito (2003) ressalta que:

[...] importa, prioritariamente, a criança, o sujeito da experiência, e não a música, como muitas situações de ensino musical consideram. A educação musical não deve visar à formação de possíveis músicos do amanhã, mas sim à formação integral das crianças de hoje. (BRITO, 2003, p. 46).

A prática pedagógica musical é essencial no cotidiano escolar e exige do professor uma atitude dinâmica e de interação na sala de aula. Nesta perspectiva Brito (2003) afirma que:

[...] o professor deve atuar sempre- como animador, estimulador, provedor de informações e vivências que irão enriquecer e ampliar a experiência e o conhecimento das crianças, não apenas do ponto de vista musical, mas integralmente, o que deve ser o objetivo prioritário de toda proposta pedagógica, especialmente na etapa da Educação Infantil. (BRITO, 2003, p.45)

Desse modo, trabalhar com a musicalização na Educação Infantil, requer que os professores compreendam essa importância e estejam preparados e capacitados para isso. Como a maioria

dos professores que atuam na Educação Infantil, é unidocente e não têm formação musical específica, os cursos de especialização ou cursos de capacitação ou de Educação Continuada nessa área são essenciais a fim de que possam compreender a importância que a musicalização possui no desenvolvimento da criança e em seu processo de aprendizagem. Vale destacar a importância, também, do educador infantil conhecer as diferentes fases de desenvolvimento da criança, seus interesses musicais, e os estágios em que se encontram quanto às produções sonoras, gestos e movimentos, para que possa planejar e oferecer atividades musicais adequadas ao seu nível de compreensão. Os professores, mesmo não tendo formação específica em música, podem mediar o contato da criança com essa arte, de modo que a experiência musical desperte sua criatividade e imaginação. Assim, como forma de se trabalhar toda essa complexidade, Bréscia (2003) defende a utilização dos jogos musicais, compostos por regras e organizados de forma que a criança necessite escutar a si próprio e estar em silêncio na vez do outro, pois contribuem para a organização de ideias, alinhando o que se ouve ao que se faz, como nas brincadeiras: morto vivo, dança das cadeiras, entre outras. O autor acrescenta, ainda, que “o aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo” (pág. 81).

Ainda, de acordo com Barreto (2004),

“Ligar a música e o movimento, utilizando a dança ou a expressão corporal, pode contribuir para que algumas crianças, em situação difícil na escola, possam se adaptar (inibição psicomotora, debilidade psicomotora, instabilidade psicomotora, etc). Por isso é tão importante a escola se tornar um ambiente alegre, favorável ao desenvolvimento. (BARRETO, 2004 p. 45)

A música une som e ritmo e se caracteriza por sua capacidade artística, além de ser um meio de comunicação, que permite ao sujeito expressar-se. Assim, o professor pode envolver a música nas mais variadas atividades pedagógicas, com as crianças para prestarem atenção nos sons a sua volta e aos ritmos musicais, se por meio dos instrumentos ou da voz. A música possibilita que as crianças aprendam a sincronizar os movimentos do corpo ao ritmo, a se equilibrar, a desenvolver a apreciação musical e tantas outras possibilidades. O professor pode se utilizar da música para que as crianças aprendam os diferentes timbres e intensidade de voz, objetos e instrumentos.

Destacou-se no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) os seis eixos de trabalho, que são: movimento, artes visuais, música, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade, matemática. Desse modo, enfatiza-se que:

a música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. Faz parte da educação desde há muito tempo, sendo que, já na Grécia antiga, era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos, ao lado da matemática e da filosofia.

Segundo Gohn (2010):

quando a criança ouve uma música, aprende uma canção, brinca de roda, participa de brincadeiras rítmicas ou de jogos de mãos recebe estímulos que a despertam para o gosto musical, introduzindo no seu processo de formação um elemento fundamental do próprio ser humano.

Desse modo, foi possível refletir que a música, quando utilizada de forma planejada e específica como prática pedagógica na pré-escola, contribui significativamente no desenvolvimento intelectual e cognitivo da criança que se encontra em formação, desenvolvendo diversas habilidades, agindo em suas relações afetivas, fortalecendo vínculos, auxiliando na superação das dificuldades pessoais ou de aprendizagem e contribuindo no processo de inclusão.

2.2.4. Resultados e discussões

Como vimos, a música na educação infantil pode se fazer presente em diferentes situações do cotidiano escolar. Desse modo, refletir sobre as possibilidades de utilização da música nesta etapa de ensino, se torna essencial, para que não caiamos numa visão simplista e fragmentada do ensino da música.

A respeito de quem deve ensinar música na Educação Infantil, Torres (1998, p. 137) considera que: “[...] deve ser um professor que saiba criar e oportunizar situações que favoreçam as atividades musicais, podendo ser especialista ou não”.

No entanto, nas escolas de Educação Infantil, especialmente nas públicas, geralmente, não há um professor especialista em música, efetivo ou contratado, para atuar com este

componente curricular. Assim, a música passa a ser um conteúdo a ser trabalhado pelo professor unidocente, conhecedor de muitas músicas infantis, as quais ensina às crianças e passa a cantá-las cotidianamente. Mas, sem formação específica para tal, a sonoridade, a musicalidade, os ritmos não são apresentados às crianças como forma de enriquecer sua vivência musical, pois, segundo Torres (1998), a maioria dos professores, formados em curso de Pedagogia, não teve formação musical, pelo fato de, os cursos, darem pouca ênfase no ensino da música.

Coadunamos com Godoi (2007) quando diz que a música poderia ser trabalhada de modo diferente de como, em geral, tem sido realizada. Por exemplo, por meio de exercícios musicais para o desenvolvimento da pulsação, medidas do som, ritmos, canto, brincadeiras, parlendas, jogos cantados, criação de música, sonorização de história, utilização de instrumentos musicais, dentre outros. Ainda segundo o autor, propor brincadeiras nas quais os alunos descrevem os sons que emitem quando acordam, escovam os dentes, comem e colocam suas roupas e sapatos. Brito (2003), relata que “esses jogos trabalham usando ações dos cotidianos dando base para desenvolver muito a criatividade e atenção das crianças”.

Segundo Delalande (1999), a partir de uma análise que relaciona a música em sua natureza a um jogo, é possível comparar os níveis de atividade lúdica infantil proposta por Piaget: jogo sensório-motor, jogo simbólico e jogo com regras, aos níveis de desenvolvimento musical, aos quais ele se refere como condutas de produção sonora musical: exploração, experimentação e construção. Delalande (1999) relaciona esses níveis da seguinte forma: o jogo sensório-motor é vinculado à exploração do som e do gesto, o jogo simbólico é vinculado ao valor expressivo e à significação do discurso musical e o jogo com regras envolve a construção, ou seja, a organização e a estruturação da linguagem musical.

O objetivo ao se trabalhar com a musicalização na Educação Infantil, de acordo com Brito (2003), deve ser o desenvolvimento da competência musical da criança através do estímulo à sua criatividade, a expressividade, a sensibilidade e a musicalidade, e assim desenvolver a percepção auditiva, senso rítmico, memória musical, psicomotricidade, afetividade, socialização, disciplina e trabalho em grupo, a partir do conhecimento musical especializado. Nesse sentido, um exemplo de atividade musical na pré-escola poderia ser: solicitar às crianças, após ouvirem uma música, como por exemplo, o som de chuva com várias intensidades (chuvisco, chuva com trovoadas, tempestade com ventos fortes, etc.), a representação por meio de gestos, expressões corporais e desenhos o que elas ouviram,

possibilitando, assim, trabalhar as noções de intensidade, coordenação motora, criatividade, expressividade, percepção auditiva, entre outros.

Nessa perspectiva, Beaumont (2003) defende:

[...] ser apropriada, contudo, uma formação musical adequada, inicial e permanente. Para trabalhar Música de maneira interligada às diversas áreas do conhecimento escolar, as professoras não devem “conhecer menos” sobre esta área, correndo o risco de retorno de um trabalho “polivalente”. Além disto, seus conhecimentos musicais não se devem restringir a algumas atividades, brincadeiras ou jogos adequados, para este ou aquele conteúdo, mas necessário é que sejam ampliados e aprofundados, a partir dos saberes que disponibilizam e das práticas musicais que já desenvolvem nesta área (BEAUMONT, 2003. p. 105).

Desse modo, precisamos lutar para que a música seja realmente trabalhada de maneira integrada com as diferentes áreas do conhecimento na Educação Infantil. No entanto, para que isso seja possível, é necessário que os professores que atuam na Educação Infantil tenham instrumentos pedagógicos, preparo e qualificação por meio de um processo de formação inicial e continuada, bem como um trabalho integrado de professores especialistas em música com os unidocentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso possibilitou-nos aprofundar mais nessa temática que se faz tão importante e enriquecedora na Educação Infantil. A partir daí, conhecemos e refletimos sobre as ideias e pensamentos de diferentes autores e documentos oficiais como o RCNEI as DCNEI e BNCC. Isso levou-nos a ampliar nossos saberes acerca das diferentes práticas pedagógicas que podemos aplicar na nossa atuação docente, de modo a possibilitar aos alunos o desenvolvimento e aprendizagem de forma significativa, lúdica e interativa.

A escrita do memorial reflexivo possibilitou reviver diferentes situações e emoções de nossas vidas, bem como analisar, criticar e ressignificar nossas concepções de educação, professor e aluno. Conforme Freire (2001, p. 43): “ninguém nasce feito, vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que nos tornamos parte”. Assim, a educação nos transforma e nos faz crescer dando novos sentidos à vida. Somos seres que se educam em comunhão através do conhecimento. “Ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1983a, p. 79).

Desse modo, temos a consciência da importância de refletirmos sempre sobre a nossa prática pedagógica, pois, nesse processo, em idas e vindas conceituais sobre o mundo, a educação, a escola, vamos construindo nossa identidade profissional. O curso de Pedagogia à Distância, com foco na formação docente, nos possibilitou construir, pela reflexão, os conhecimentos necessários à docência. Nesse sentido, Nóvoa afirma:

[...] a formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vistas à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (NÓVOA, 1991, p.25).

Nessa perspectiva, a formação inicial bem como a continuada torna-se imperiosa tanto para a construção da identidade profissional quanto para se ter uma educação de qualidade com aprendizagem significativa.

Já a realização do aprofundamento teórico acerca da música na Educação Infantil nos possibilitou refletir sobre a prática musical necessária aos professores na Educação Infantil, bem como sobre a proposta curricular do ensino de música na Educação Infantil. É necessário ressaltar que há um distanciamento entre a prática pedagógica e as propostas, tanto dos

documentos orientadores do currículo escolar para a Educação Infantil, quanto dos estudos e pesquisas dos diversos autores e autoras discutidos no presente estudo. É possível perceber que os professores, em geral, utilizam-se da música em diversos momentos na escola, como, por exemplo, na entrada das crianças, na hora lanche, no momento de reforçar hábitos de higienização, nas festividades e comemorações na escola, no ensino de diferentes conteúdos, dentre outros. Isso mostra que a música se faz presente nas escolas, mas, por outro lado, os professores não estão preparados, conforme alertou Brito (2003), e, dessa forma, a música que poderia ser utilizada como um instrumento no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança, tem sido apenas um entretenimento na escola.

Neste sentido, quando a criança desde pequena é estimulada pelo gosto musical, ela aprende a acompanhar o ritmo e o som da música, desenvolve os dois hemisférios do cérebro e seus neurônios são ativados. Assim, tem a oportunidade de se beneficiar das contribuições da música para o seu desenvolvimento de modo integral.

Concluimos que é fundamental que os professores compreendam o papel que a música desempenha no desenvolvimento integral (motor, cognitivo, social, afetivo, cultural etc.) das crianças e que conheçam os diferentes benefícios que ela traz, tais como: criatividade, capacidade rítmica, coordenação motora, afetividade, socialização, participação, expressão corporal, linguagem, aumento do repertório musical e cultural, dentre outros.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. **Pequena História da Música**. Martins Editora, 1980.
- ARAGÃO, R. M. R.; SCHNETZLER, R. P. **Importância, sentido e contribuições de pesquisas para o ensino de química**. Química Nova na Escola, nº 1, p. 27-31. Maio, 1995.
- ÁRIES, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AUSUBEL, D.P. (1976). **Psicología educativa: um ponto de vista cognoscitivo**. México, Editorial Trillas. Traducción al español de Roberto Helier D., de la primera edición de Educational psychology: a cognitive view.
- BARBOSA, A. M (Org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 6. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- BARRETO, S. de J.; SILVA, C. A. da. **Contato: sentir os sentidos e a alma: saúde e lazer para o dia a dia**. Blumenau: Acadêmica, 2004.
- BEAUMONT, M. T. de. Paisagens polifônicas da Música na escola: saberes e práticas docentes. 2003. 122f. **Dissertação** (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia: UFU, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, Vol.1,3. 1998.
- BRÉSCIA, V. P. **Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva**. Campinas: Átomo, 2003.
- BRITO, T. A. **Música na educação infantil – propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Editora Petrópolis, 2005.
- DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1994.
- DUTRA, A. de F. ; SILVA, A. C. da. **A música na escola com recurso para o processo de alfabetização**. In: Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensao da UEG. Anais... 2018
- DELALANDE, F. **A criança do sonoro ao musical**. In: Encontro Anual da ABEM: a formação de professores para o ensino de música. Curitiba: ABEM. Anais...1999. p.48-51.

FRANÇA, E. N. **A música no Brasil**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1953.

FREIRE, P. 1921-1997. **Política e educação: ensaios/Paulo Freire**. 5. ed. São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).

FREIRE, P. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a

GÉLIS, J. A individualização da criança. *In: História da Vida Privada*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 311 – 329.

GODOI, L. R. A importância da música na Educação Infantil. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2011.

GODOY, A. S. A. **Introdução à pesquisa qualitativa**. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr,1995.

KUHLMANM JR, M. Educação Infantil e Currículo. *In*. FARIA, Ana Lúcia Goulart de e PALHARES, Marina Palhares. **Educação Infantil Pós-LBD: rumos e desafios**. 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

MONTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2007.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Metodologia científica**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MOREIRA, M. A. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1999.

NOGUEIRA, M. A. A música e o desenvolvimento da criança. **Revista da UFG**, Goiânia, v. ano VI, n. volume 2, p. 22-25, 2004. Disponível em: . Acesso em: 20 mai. 2019

NÓVOA, A.. **A formação contínua de professores: realidades e perspectivas**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991;

NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2002.

PEREIRA, L. F. R.. Um movimento na história da educação musical no Brasil: uma análise da campanha pela LEI 11.769/2008. **Dissertação** (Mestrado), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Uni-Rio), Centro de Letras e Artes. Rio de Janeiro, 2010.

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. Petrópolis: Vozes, 1971.

PIMENTA, Selma Garrido.; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. **Docência no Ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

ROSEMBERG, F.; CAMPOS, M. M.; FERREIRA, I. M. **Creches e pré-escolas no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SARTORI, A. T. Os professores e sua escrita: o gênero discursivo “memorial de formação”. 2008. 200p. **Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada)** – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 16.ed. São Paulo:Ática,1990.

SILVA, R.C. **O professor, seus saberes e suas crenças**. In: GUARNIERI, M.R. (Org.). *Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência*. Campinas: Autores Associados, 2000. p.25-44.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 7ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TIAGO, R. A. Música na Educação Infantil: saberes e práticas docentes. **Dissertação** (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia. Minas Gerais, 2007.

TORRES, M. C. de A. R. Educação musical no curso de graduação em Pedagogia Univates (RS). **Expressão-** Revista do Centro de Artes e Letras. Santa Maria:, n. 2, p. 135-138, 1998.

VEYNE, P. O Império Romano. *In: História da Vida Privada*. v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 19 – 43.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.